

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

Olhar o mundo como se fosse a primeira vez é um exercício criativo »2



CULTURA

Rosana Paste faz da matéria e do território a memória de sua arte » 4



DIVULGAÇÃO

ES tem menos desemprego, mas mais trabalho informal

Desemprego cai a 2,3% e ES ganha 71 mil ocupados em três meses, mas informalidade cresce e já alcança 832 mil trabalhadores em todo o Estado » 3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



PEDRO IVO

A criatividade exige saída do piloto automático

Outro dia peguei o mesmo metrô lotado de sempre, passei pelas mesmas estações de sempre, olhei pela mesma janela e percebi que não tinha visto nada. Zero. Minha mente, mergulhada nas preocupações e neuroses, ignorava o cenário complexo e todos os personagens que desfilavam diante dos meus olhos.

Para um escritor, isso é a pior coisa que poderia acontecer!

Nosso cérebro é eficiente em economizar energia: assim que entende que um percurso é “o caminho de sempre”, liga o piloto automático e vida que segue. Automatizar o trajeto, beleza. Mas, se você não ficar atento, o cérebro automatiza o rosto de quem você ama, o gosto do café, a cidade e até suas reações. Ai, um dia, você olha para trás e... cadê a vida?

Vejo muitos jovens escritores (e

até colegas mais experientes) buscando meios sofisticados de incrementar seus processos criativos. Acho estranho que isso seja uma preocupação tão grande hoje em dia, mas entendo. Afinal, o que não nos falta é distração.

Penso que criatividade tem a ver com interesse. Não tem como ficar sem criatividade estando profundamente interessado, seja na vida, em um objeto ou em algum tema. Esse é o problema da automatização e da realidade ca-

da vez mais competente em nos manter distraídos: ela destrói o interesse nas pequenas coisas.

Mas como resolver isso? Simples: olhe para o mundo pela primeira vez todos os dias, tal como uma criança pequena. Para ela, tudo é novo. Se hipnotiza por uma poça d'água suja ou pelo voo de um mosquito.

Você se lembra de quando as coisas não tinham nome? A gente passa por uma árvore e pensa: “Ah, isso é uma árvore.” Mas, se vo-

cê não soubesse que árvores existem e se deparasse com uma, o que faria? Que nome daria?

Faço isso o tempo todo, como uma brincadeira. Pegue uma coisa qualquer (um poste, uma caneca, um sentimento) e finjo que nunca vi nada daquilo. Finjo que não sei que “poste é poste” e olho com mais atenção. Vejo um mastro de concreto, com fios saindo feito tentáculos e da ponta sai uma luz, que ora é laranja, ora é branca. Pensando bem, o poste é uma das

coisas mais estranhas que existem... A gente só não olhou com atenção.

A parte boa é que ninguém precisa ser escritor para olhar o mundo com olhos de criança e despertar a própria criatividade. A realidade está aí, aberta, gigante, complexa, contraditória. Tudo isso disponível para você. Se quer saber por onde começar, te dou uma dica. Se olhe no espelho e responda: e se você não soubesse que você é você?

Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>
Impresso e digital diários

Contato:

[bianca@eshoje.com.br/](mailto:bianca@eshoje.com.br)

27 99744-6251

 **ESHOJE**®

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

 **ESHOJE**
ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danielhcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
Pedro Rocha
PH Caetano

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 /eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Emprego em alta, carteira em baixa no Espírito Santo

Estado chega a 2,08 milhões de pessoas ocupadas, mas informais sobem 57 mil em três meses

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE

O Espírito Santo chegou ao segundo trimestre de 2026 com mais gente trabalhando e menos pessoas procurando emprego. A população ocupada alcançou 2,08 milhões de pessoas, 71 mil a mais do que nos três primeiros meses do ano, enquanto a taxa de desocupação recuou de 3,2% para 2,3%. Por trás dos números positivos, porém, a informalidade também avançou.

Entre abril e junho, o Estado contabilizou 832 mil trabalhadores informais, contingente 57 mil maior do que no primeiro trimestre e 53 mil acima do registrado no mesmo período de 2025.

Os dados fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Entre os empregados do setor privado, excluídos os trabalhadores domésticos, 750 mil tinham carteira assinada e 317 mil estavam sem registro. Em relação ao primeiro trimestre, foram oito mil trabalhadores com carteira a mais, enquanto o grupo sem carteira cresceu em 18 mil.

O trabalho por conta própria também ganhou espaço. O grupo chegou a 505 mil pessoas, aumento de 26 mil em três meses. Já os trabalhadores domésticos passaram de 91 mil para 104 mil.

Na comparação com o segundo trimestre de 2025, o número de empregados privados com carteira assinada caiu em 17 mil pessoas, enquanto o grupo sem carteira cresceu em dez mil.

MENOS GENTE PROCURANDO EMPREGO

A população desocupada foi estimada em 49 mil pessoas no segundo trimestre. Eram 66 mil nos primeiros três meses do ano, redução de 17 mil pessoas, ou 25,7%.

NÚMEROS

229 mil

ocupados na indústria no 2º trimestre de 2025

202 mil

ocupados no mesmo setor no 2º trimestre de 2026

27 mil

vagas a menos em um ano



Na comparação com o trimestre anterior, o número de empregados com carteira assinada caiu em 17 mil pessoas no Estado

Em relação ao mesmo trimestre de 2025, quando havia aproximadamente 65 mil desocupados, a queda também foi de cerca de 17 mil pessoas. Com isso, a taxa de desocupação passou dos 3,1% registrados entre abril e junho de 2025 para os atuais 2,3%.

Outro sinal de maior participação no mercado aparece entre aqueles que estavam fora da força de trabalho. Esse contingente caiu de 1,315 milhão para 1,271 milhão entre o primeiro e o segundo trimestres, uma redução de 44 mil pessoas.

Também diminuiu o desalento. O Espírito Santo tinha 12 mil pessoas nessa condição, sete mil a menos do que no trimestre anterior. A taxa composta de subutilização da força de trabalho também recuou, de 7% para 6,2%.

O aumento do número de trabalhadores não se traduziu em crescimento do rendimento médio. A renda mensal real habitual de todos os trabalhos foi estimada em R\$ 3.637 no segundo trimestre.

No início do ano, havia sido calculada em R\$ 3.769, diferença de R\$

132. Segundo o IBGE, entretanto, a variação não é estatisticamente significativa. Em relação ao segundo trimestre de 2025, o rendimento permaneceu no mesmo patamar.

Os indicadores mostram, portanto, duas faces do mercado de

trabalho capixaba: há mais pessoas ocupadas e menos desempregados, mas a informalidade e modalidades como trabalho por conta própria e emprego sem carteira também avançaram.

Os números não permitem afirmar que os 57 mil informais adi-

cionais correspondam diretamente às 71 mil pessoas que passaram a integrar a população ocupada. Ainda assim, o avanço simultâneo mostra que a queda do desemprego não conta, sozinha, toda a história do mercado de trabalho.

Setores seguem vias diferentes

A PNAD Contínua também revela diferenças entre os setores. Administração pública, educação, saúde e serviços sociais ganharam 13 mil ocupados em relação ao primeiro trimestre, chegando a 355 mil trabalhadores.

Outros serviços cresceram em oito mil trabalhadores; transporte, armazenagem e correio, em sete mil; e alojamento e alimentação, em cinco mil. O comércio chegou a 382 mil ocupados, oito mil a mais em três meses.

Na direção contrária apareceu a indústria geral. O setor passou de 210 mil para 202 mil trabalhadores entre o primeiro e o segundo trimestres. Em relação ao



A população desocupada foi estimada em 49 mil no trimestre

mesmo período de 2025, a queda chega a 27 mil trabalhadores.

O cenário mostra que, além da baixa taxa de desemprego, o desafio passa a ser observar que ti-

po de ocupação está sendo gerada e se a melhora quantitativa será acompanhada por avanços na formalização e na renda dos trabalhadores capixabas.

AGÊNCIA BRASIL

Rosana Paste celebra 40 anos de arte no MAES

Escultora e professora da Ufes inaugura “Entre Tempo e Coisas” com acervo inédito em Vitória

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

A escultora e professora capixaba Rosana Paste celebra quatro décadas de trajetória com a exposição “Entre Tempo e Coisas”, no Museu de Arte do Espírito Santo (MAES), em Vitória. Com curadoria de Agnaldo Farias, a mostra reúne obras inéditas e trabalhos históricos de uma pesquisa iniciada nos anos 1980 e marcada pela investigação da matéria e da tridimensionalidade.

Chumbo, bronze, aço inox, fotografia e performance atravessam uma produção refinada. Ao longo de 40 anos, Rosana articulou temas como memória, pertencimento, corpo e meio ambiente, incorporando elementos capixabas, como os manguezais e a arquitetura urbana.

Docente da Ufes desde 1994, a artista une criação, pesquisa e ensino de forma indissociável. A mostra aproxima diferentes fases do seu percurso, apresentando os caminhos mais recentes de sua investigação poética ao público do Estado.

ES Hoje: O que “Entre Tempo e Coisas” representa em seus 40 anos de trajetória?

Rosana Paste: Representa estar viva e produzindo intensamente, em primeiro lugar. Durante esses anos, participei de coletivas e essa exposição é a oitava individual. Por não ter um intervalo grande de produção,

entendo, sinto e percebo que meu trabalho foi ganhando narrativas, camadas e desvios necessários para acompanhar as décadas vividas. Além disso, meu trabalho poético é contaminado pela docência e vice-versa. Isso é muito importante. Ter passado é estar presente no desejo do futuro. Quando penso em “Entre Tempo e Coisas”, penso também nessa relação entre território, corpo e tempo. Interessa-me uma compreensão do tempo que não seja apenas linear. Nêgo Bispo fala dessa perspectiva, dessa ideia de que temos começo, meio e começo. Penso nesse tempo espiralar, que Leda Maria Martins também aborda, nessa vida compreendida em ciclos. É uma reflexão que atravessa a exposição e a maneira como compreendo minha própria trajetória. Os objetos também carregam tempos que antecedem a minha existência. Há trabalhos que têm a minha idade, 40 anos de existência nesse território, enquanto outros objetos me conduzem a histórias muito anteriores. Quando trabalho com esses elementos, consigo estabelecer relações entre memória pessoal, memória familiar e uma história mais ampla. Quando pego, por exemplo, objetos que pertenciam à minha família, consigo construir uma narrativa da história do Espírito Santo. Uma caneca que pertenceu à minha avó pode me fazer pensar onde ela foi comprada, se foi em Castelo, de onde veio, se passou por Cachoeiro ou pelo Rio de Janeiro. Por meio dessa caneca, consigo construir uma cartografia daquela época. É assim que os objetos permitem pensar deslocamentos, permanências e tempos que vão muito além da minha própria existência.

Como sua relação com o Espírito Santo atravessa a exposição?

Tenho uma convicção: a arte não tem fronteiras, mas o artista tem seu território. Nesse sentido, nascer, viver, trabalhar, estudar e me deslocar no mesmo estado me dá muita segurança para produzir e ser atravessada pelas minhas montanhas, meus mares, minhas roças, meus rios. Tenho pertencimento ao meu território, ao meu terreiro. Celebro também 40 anos de ilha. Estou aqui há 40 anos e me sinto essa pessoa ilhéu que adotou também esse território. Mas, quando penso na minha relação com Venda Nova, percebo que



Escultora e professora da UFES comemora quatro décadas de arte com exposição no MAES, em Vitória

esse tempo é ainda maior. Meu avô chegou lá em 1894 e eu venho dele. Estou viva e venho dele. Então, quando penso no território a partir da ancestralidade e da memória, meu tempo em Venda Nova não começa simplesmente comigo. De alguma maneira, começa em 1894, quando meu avô chegou. É nesse aspecto que “Entre Tempo e Coisas” tem uma relação muito grande com território, corpo e temporalidade. O território não aparece apenas como lugar onde vivo ou produzo, mas como algo que atravessa minha história,

minha família e a maneira como construo meu pensamento artístico. Conheci, junto com meu filho e meu marido, todos os municípios do Espírito Santo. Isso foi muito importante nessa trajetória. Os deslocamentos me moldaram e me influenciam até hoje. Ziraldo tem uma frase que amo: “O Espírito Santo é o ateliê de escultura de Deus”. Eu acrescentaria: dos deuses. Comungo com essa ideia.

Qual é o papel dos materiais na construção de sua linguagem artística?

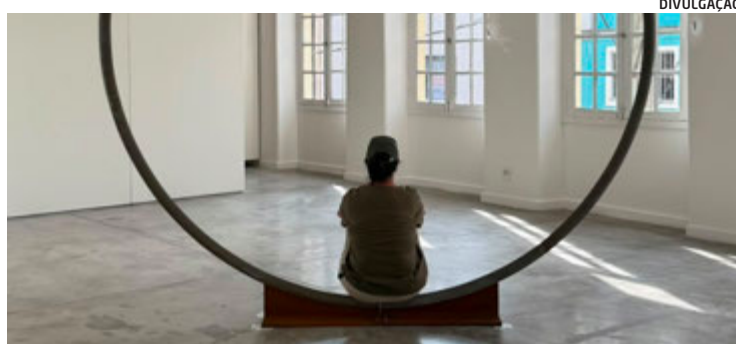
Minha formação se deu na se-

gunda metade da década de 1980, entre 1986 e 1992. Acho que fomos bem experimentais, híbridos, performáticos, trabalhávamos com vídeo e misturávamos tudo. Elegíamos os materiais de acordo com a ideia a ser executada. Trago até hoje essa liberdade. Escolho o material que mais estiver de acordo com o que quero fazer. De qualquer modo, o pensamento primeiro é de escultora, mesmo usando fotografia, performance, desenho e outras linguagens.

Nesse sentido, a construção do pensamento poético vem junto com a materialidade a ser eleita para a execução do trabalho. A matéria não está separada da ideia. Ela participa da própria construção do pensamento e da forma como o trabalho passa a existir. Essa liberdade que vem da minha formação permanece na maneira como produzo. Posso transitar entre diferentes materiais e linguagens sem abandonar esse pensamento de escultora. Não tenho medo, gosto de arriscar.



“A liberdade que vem da minha formação permanece. Não tenho medo, gosto de arriscar”



Mostra da escultora apresenta diferentes fases de seu percurso